

A CRISTALIZAÇÃO DOS PROVÉRBIOS E SUA VIGÊNCIA NAS PRÁTICAS DE GÊNEROS TEXTUAIS OU PRÁTICAS COMUNICATIVAS¹

Sandra Elisabete de Oliveira CAZELATO²

Resumo: Há um consenso de que os provérbios são ditos populares tradicionais de sabedoria e conselho, de que são rápidos e incisivos, que apresentam pressupostos culturais de uma sociedade, de seus valores e da maneira de fazer as coisas. O provérbio é compacto, fácil de ser memorizado, atemporal e pretensamente veicula uma verdade imutável. O provérbio se refere a situações sociais e étnicas, contendo prescrições e interdições, normas de conduta, portanto, alguns dos provérbios sofrem alterações nos sentidos ou podem ser contestados no decorrer da evolução das idéias, do mundo, da cultura, da história, como no caso dos provérbios parodiados. O pré-construído do provérbio, neste caso, é contestado de alguma forma. Os provérbios parodiados são exemplos de enunciados proverbiais re-construídos, construídos, ressignificados a partir de uma formação discursiva histórica e ideológica de uma época, que hoje brincam com o sentido veiculado e cristalizado de determinado enunciado proverbial e veiculam sentidos novos. Podemos observar a reenunciação do provérbio em qualquer tempo e lugar, em diversas situações adaptando-se a cada situação. São diferentes as práticas de gêneros textuais e comunicativas vigentes, mas não deixam de ser o “... *discurso da vida prática*”.

Palavras-chave: Provérbios, cristalização de sentido, práticas comunicativas.

Abstract: *There is a consensus that proverbs are traditional popular sayings of wisdom and advice, that are fast and incisive, which have cultural assumptions of a society, its values and way of doing things. The proverb is compact, easy to be memorized, timeless and conveys an unchanging truth. The proverb refers to a social and ethnic situations, containing prescriptions, standards of conduct, but some of the proverbs are altered in the meaning or can be contested in the course of evolution ideas, of the world, the culture, the history, as in the case of parodized proverbs. The pre-constructed of proverbs, in this case, is contested in some way. The parodized proverbs are examples of proverbial enunciations re-constructed, constructed, reinterpreted from a historical and ideological discursive formation of a time, which today its plays with the meaning conveyed and crystallized of*

¹ Este trabalho foi redigido no ano de 2007 e integra parte da minha Tese de Doutorado intitulada “A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos”.

² Doutora em Linguística (2008), sob orientação da profa. Dra. Edwiges M. Morato, no Instituto de Estudos da Linguagem/IEL – UNICAMP, com financiamento do CNPq processo no 140607/2004-8. E-mail para contato: scazelato@yahoo.com.

a certain proverbial enunciation and convey new meanings. We can observe the restatement of the proverb in any place and time, in many situations by adapting to each situation. The current practices of textual genres and communicative are different, but they are still the "... discourse of practical life".

Keywords: Proverbs, crystallization of meaning, communicative practices.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos nas condições históricas, sócio-históricas da cristalização de enunciados, de que maneira poderíamos resgatar as condições em que o provérbio foi produzido, descobrindo o seu estatuto, o porquê do seu uso até hoje, e analisar não apenas o produto, mas o processo de instituição do provérbio como elemento do interdiscurso³, como fazendo parte de pressupostos ou pré-construídos estabelecidos sócio-culturalmente?

Mota (1974) considera que é quase impossível saber onde determinado provérbio surgiu primeiro. Contudo, se procedêssemos ao estudo do provérbio enquanto pré-construído, poderíamos identificar melhor os processos culturais e históricos da proverbialização. Rocha (1995) também afirma que são necessários estudos históricos para buscar origens e estabelecer uma cronologia, para compreender identidades culturais e o cenário cultural das sociedades.

Os provérbios são uma tradição oral e fazem parte da vida de quase todos os seres humanos. Os provérbios são passados de geração a geração para transmitir de forma resumida um conhecimento, um conselho, uma admoestação, um ensinamento, uma experiência, uma conduta de vida a ser seguida, normas, saberes, bens, valores (Pinto, 2000:11).

A enunciação proverbial tem uma formulação, uma didática que dá um efeito perlocutório incontestável e possui regras de racionalidade e de coerência. Portanto, tem uma força argumentativa. O valor de argumentação dos provérbios, de acordo

³ “Pode-se chamar interdiscurso um conjunto de discursos de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos. Podemos também chamar de interdiscurso o conjunto das unidades discursivas com as quais ele entra em ação.” (Maingueneau, 1998:86).

com Roventa-Frumusani (1985), parece residir no paralelismo sintático, nas figuras de similaridade (fônica e semântica), no contraste e no jogo de generalizar e particularizar.

Qual, então, o espaço do provérbio na sociedade atual?

Roventa-Frumusani (1985) comenta que a permanência dos provérbios tem como hipótese fundamental a filosofia da linguagem. Para Roventa-Frumusani, o que parece é que o sentido veiculado nos provérbios e os atos de fala presentes no enunciado proverbial são características para o uso e a vigência de um enunciado até os dias de hoje.

O espaço do provérbio é um campo privilegiado de manifestação da polifonia enunciativa, de distanciação, de uma metalinguagem, o que Authier-Revuz chamou de heterogeneidade enunciativa. Ao que parece essa polifonia dos provérbios, o dizer e o não dizer de quem menciona e usa enunciativamente um provérbio, a argumentatividade dos provérbios, a expressividade, a intertextualidade e a característica de veicular sentidos que são verdades é o que faz com que os provérbios sejam expressões cristalizadas e permaneçam até hoje nas sociedades.

2. DA CRISTALIZAÇÃO DE PROVÉRBIOS

O provérbio, como todo enunciado, é resultado de uma enunciação. A enunciação é gerada graças às condições concretas da situação de comunicação. Nos enunciados proverbiais encontramos um conjunto de coisas ditas, relações, transformações que podem ser observadas e o lugar enunciativo ocupado pelos falantes. Assim, encontramos enunciados que permanecem, que se conservam, que são reativados e utilizados (Foucault, 1969/1987).

Maingueneau (1989) nos fala sobre a “citação de autoridade”, no caso dos provérbios e dos slogans, onde o locutor se apaga diante do Locutor que garante a validade da enunciação. Geralmente, são enunciados já conhecidos coletivamente e não podem ser resumidos nem reformulados, porque têm o privilégio de serem intangíveis.

Segundo Maingueneau (1989), os provérbios, diferentemente do slogan, representam um enunciado limite, por definição são “verdades imemoriais”, e não é possível citar um provérbio ou relatá-lo, pode-se apenas referi-lo a um “Outro absoluto”.

O provérbio pode ser generalizado, no sentido de todos poderem fazer uso dele, e, ao mesmo tempo de ser “individualizador”, ou seja, ser usado em situações particulares, não deixando de considerar que o sentido das expressões formulaicas, mais especificamente dos provérbios, é determinado essencialmente em função de um contexto de uso constituído e fixado em termos pragmático-discursivos. Daí o provérbio ser expressão cristalizada e vigente até hoje.

Além do já dito até agora que tenta esclarecer como o provérbio se torna provérbio, procuramos tentar resgatar as condições em que o provérbio foi produzido, da sua cristalização e vigência até os nossos dias. Para isso, também consideramos importante o conceito de formação discursiva que Foucault define como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa.” (Foucault, 1969/1987:153). Portanto, os enunciados proverbiais têm formações discursivas semelhantes que na sua construção levam em conta as condições históricas de uma época e o interdiscurso na construção dos sentidos dos enunciados.

O que parece ocorrer no caso dos enunciados proverbiais é realmente essa construção do enunciado a partir da história, das ideologias, da moral, da cultura de uma época e quando as ideologias, a história, a moral mudam através dos tempos, os enunciados são reconstruídos e reproduzem a história, as ideologias, a moral desse determinado período. Os provérbios parodiados são exemplos de enunciados proverbiais reconstruídos, construídos, ressignificados a partir de uma formação discursiva histórica e ideológica de uma época, que hoje brincam com o sentido veiculado e cristalizado de determinado enunciado proverbial e veiculam sentidos novos. Podemos observar esses

novos enunciados em programas de televisão, em comentários de revistas e jornais, em letras de música, propagandas, etc.

Nesse sentido, Maingueneau (1989) se refere às práticas discursivas, de um lado está a formação discursiva e por outro a comunidade discursiva, ou seja, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos os textos que dependem da formação discursiva. A comunidade discursiva não se remete apenas aos grupos como instituições e relações entre agentes, mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida.

Acreditamos que a partir dos aspectos históricos, sociais e culturais de uma sociedade num determinado período de transições, mudanças, sejam elas políticas, morais, econômicas, ideológicas, religiosas, os enunciados sejam construídos e fixados social, histórico e culturalmente, ou seja, os pré-construídos são estabelecidos sócio-culturalmente e vigentes até os dias de hoje, no caso, constituindo os enunciados proverbiais. Não deixamos de lado os provérbios parodiados que são constituídos a partir dos provérbios-origem e, ao que parece, são críticas ao sentido veiculado nos provérbios-origem, que serão comentados posteriormente.

Os pré-construídos presentes nos provérbios são os sentidos, as significações de uma época, de um período, de uma sociedade que precisam ser recuperados na memória. Para a interpretação e manipulação desses enunciados proverbiais é preciso realizar inferências várias, reconhecer os pré-construídos, os implícitos e os subentendidos veiculados, ter conhecimento enciclopédico e de mundo. O pré-construído é um discurso “que se construiu alhures” e que é semelhante a um “conhecimento implícito que se impõe” (Robin, 1977:118). Portanto, ele é considerado como aceite em qualquer situação, como uma espécie de “verdade universal”.

Segundo Roventa-Frumusani (1985), o provérbio se refere a situações sociais e étnicas, contendo prescrições e interdições, normas de conduta, portanto, alguns dos provérbios sofrem alterações nos sentidos ou podem ser contestados no decorrer da evolução das idéias, do mundo, da cultura, da história, como no

caso dos provérbios parodiados. O pré-construído do provérbio neste caso é contestado de alguma forma.

2.1. Paródia proverbial: a resignificação

De acordo com Bakhtin (1997), a paródia está sempre orientada para diferentes sentidos e revestida de novos acentos, sendo que:

o discurso parodístico pode ser bastante variado. Pode-se parodiar o estilo de um outro enquanto estilo; pode-se parodiar a maneira típico-social ou característico-individual de o outro ver, pensar e falar. Em seguida, a paródia pode ser mais ou menos profunda; podem-se parodiar apenas as formas superficiais do discurso como se podem parodiar até mesmo os princípios profundos do discurso do outro. (p. 194).

Os provérbios parodiados, ao que parece, são o “discurso do mau sujeito”, o discurso sobre um outro discurso como forma de ir contra o seu sentido, “brincando” com o sentido veiculado nos provérbios, que estão na memória como o “sujeito universal” e que hoje, culturalmente, historicamente, já não são tão “verdades imemoriais”. Os provérbios podem ser contestados a partir da construção de um novo enunciado, o provérbio parodiado, mas que mantém as características de expressão formulaica, metafórica, com uma estrutura trabalhada, com o objetivo de admoestação, argumentação, de conselho, já que deriva de um provérbio. O significado se constrói através das relações discursivas, o jogo de implícito e do explícito, há uma reconstrução do sentido, a produção de um novo sentido a partir do mesmo referente. Há uma atualização do sentido.

Bakhtin refere-se aos discursos atravessados, balizados por outros discursos, o que ocorre com os provérbios parodiados. Roventa-Frumusani (1985) fala em provérbios desviados que são utilizados em propagandas, slogans, títulos da imprensa.

Para Urbano (2002: 276),

é importante ressaltar que a condição de frase feita, ou seja, de forma fixa, impede, em princípio, sua reenunciação de forma arbitrária e com modificações, pois essas alterações descaracterizam o provérbio original, posto que perderia sua identidade e seu estatuto de citação. No entanto,

esse fato não impede que muitos provérbios sejam usados em trocadilhos humorísticos e irônicos, (...) ou mesmo para simples adaptação à situação concreta de uso, que demonstram o conhecimento e a capacidade de reinvenção da linguagem que ocorre no âmbito popular. Recriado, possivelmente numa situação concreta, o novo enunciado pode adquirir um status definitivo de provérbio.

No caso dos provérbios parodiados não podemos ignorar a intertextualidade, que, segundo Koch (1987:48), em sentido restrito pode ser entendida como a “relação de um texto com outros previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos.” Ou seja, o provérbio está relacionado a discursos já existentes, e os provérbios parodiados estão relacionados a esses discursos já existentes que estão nos provérbios, portanto, é uma intertextualidade mais “profunda”, ou seja, que se volta para o discurso e para o discurso presente no provérbio, daí serem necessários dois tipos de trabalho lingüístico-discursivo-cognitivo para a sua interpretação e manipulação.

Os provérbios parodiados estão ligados a uma memória dos provérbios juntamente com a idéia de que as lições que se aprende podem, às vezes, ser contrariadas.

3. DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS

Neste item iremos fazer alguns comentários sobre as expressões idiomáticas e as expressões metafóricas já que são constituídas de elementos metafóricos e são recorrentes como os enunciados proverbiais na sociedade.

As expressões idiomáticas, assim como os enunciados proverbiais, são expressões formulaicas, portanto são expressões cristalizadas com sentidos metafóricos ou implicados que exigem conhecimento de mundo, levam em conta processos intertextuais e convocam os interlocutores às atividades inferenciais específicas para a sua interpretação e manipulação.

Os idiomatismos, como os enunciados proverbiais, são formas meta-enunciativas, trazem para o enunciado/discurso de quem as usa a presença de um discurso-outro que assinala uma

interdiscursividade representada (Cf. Authier-Révuz, 1998), sem apagar o traçado da fronteira entre o discurso próprio e este outro.

A expressão idiomática atualiza-se no discurso e não veicula uma moral, uma verdade, mas descreve, complementa, torna mais expressiva uma determinada atribuição a um sujeito ou a uma situação, e sua função no discurso cotidiano não é apenas predicativa ou de comentário: estas frases trazem prestígio e força argumentativa para nosso discurso (Boldrini, 2004).

Já as expressões metafóricas, mais especificamente “expressões lingüísticas individuais” (Lakoff e Johnson, 2002; os autores usam o termo metáfora para se referirem ao conceito metafórico, ou seja, experienciar uma coisa em termos de outra), são expressões que envolvem uma espécie de comparação para facilitar a compreensão do receptor que conhece denotativamente todos os elementos da expressão. Por exemplo: “O lago é uma safira”, ou seja, “O lago é metaforicamente uma safira”, ou “Richard é um gorila”, ou seja, “Richard é feroz, rude e tende à violência”. De acordo com Moura (2002:155), o falante faz um trabalho de reconstrução lingüística que leva a uma interpretação mais específica da metáfora.

Portanto, o sentido metafórico está presente nos provérbios, nas expressões idiomáticas e nas expressões metafóricas, pois nos faz perceber certa semelhança entre duas ou mais coisas. No contexto metafórico, não hesitamos necessariamente quanto ao seu significado e, se acontecer de hesitarmos para decidir entre um número de interpretações que aceitaremos, dificilmente temos dúvidas de que se trata de uma metáfora.

4. O *CORPUS* E A DISCUSSÃO

A seguir, apresentamos um pequeno *corpus* constituído de dois diferentes meios de comunicação, revista (escrito) e programa de televisão (oral), os quais consideramos como diferentes gêneros textuais, com o objetivo de ilustrar a ocorrência e uso de provérbios e provérbios parodiados, além das expressões idiomáticas e expressões metafóricas usadas no programa de televisão.

Primeiramente, apresento dois artigos do escritor/humorista Jô Soares publicados na Revista Veja que usam o provérbio como

recurso de estilo. No artigo da Revista Veja do ano de 1993, Jô Soares refere-se aos “Provérbios da CPI”. Entre os provérbios parodiados apresentados por ele, temos:

“A cavalo dado se olha tudo”

“Em casa de ferreiro, espeto é de pinheiro”

“Quem não deve não mente”

“Não deixes para amanhã se já podes fugir hoje”

Reconhecemos o sentido desses enunciados que brincam com o sentido dos provérbios “A cavalo dado não se olham os dentes”, “Em casa de ferreiro, espeto de pau”, “Quem não deve não teme” e “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje” se reconhecermos as situações específicas da época, ou seja, se reconhecermos alguns acontecimentos políticos da época em que o roubo e a corrupção foram marcantes e particulares. São provérbios com uma moral própria da prática parlamentar, ou seja, de uma pequena comunidade discursiva que tem como “sujeito universal” os parlamentares corruptos. Jô Soares escreve um texto com características de conversação e remete-se ao contexto específico da época adaptando provérbios a esse contexto, ou seja, ele muda as palavras do provérbio invertendo ou dando um novo sentido ao provérbio e uma nova orientação semântica ao enunciado.

Em um outro artigo, também do escritor/humorista Jô Soares, referindo-se a um contexto específico na Revista Veja (1996) com o título de “Improvérbios proverbiais que jamais serão provérbios”, há outros enunciados em que ele brinca com o sentido dos provérbios-origem, como nos provérbios parodiados:

“Em terra de surdos os cegos são mudos”

“Quem semeia vento não colhe coisa nenhuma”

“Nunca deixe para amanhã o que podes fazer depois de amanhã”

“Devagar se vai a pé”

“A cavalo comprado se olha tudo”

“Mais vale uma mão do que três cotovelos”

“Quem madruga dorme cedo”

Observamos que o humorista faz uma adaptação do enunciado original a uma situação específica, a um contexto imediato, a

um contexto social fazendo uso da forma proverbial, da rima, da intertextualidade como uma brincadeira metalingüística em que o caráter metafórico já não está mais presente, por isso o título “Improvérbios proverbiais que jamais serão provérbios”. Já não existe uma ação enunciativa e uma argumentação, que são características dos provérbios.

Muitos desses provérbios parodiados presentes nas citações do escritor/humorista Jô Soares, hoje são expressões que se cristalizaram e são veiculadas pelo povo, inclusive na Internet, como os provérbios parodiados: “Devagar se vai a pè”, “A cavalo dado se olha tudo”, “Nunca deixes para amanhã o que podes fazer depois de amanhã” e “Quem madruga dorme cedo”. Acredito que os provérbios-origem permanecem cristalizados, como ditos pelo “sujeito universal”, sujeito com autoridade, mas podem e são contestados por parte do povo de uma sociedade ou com sua própria orientação como forma de questionar e criticar o sentido veiculado em determinados enunciados proverbiais origem para determinados fins, como fez o humorista Jô Soares.

Em outras palavras e de acordo com Bakhtin (1997:189), o que observamos nos artigos apresentados é que

[...] um autor pode usar o discurso de um outro para os seus fins pelo mesmo caminho que imprime nova orientação semântica ao discurso que já tem sua própria orientação e a conserva. Neste caso, esse discurso, conforme a tarefa, deve ser sentido como o de um outro. Em um só discurso ocorrem duas orientações semânticas, duas vozes. Assim é o discurso parodístico [...]

Para verificar ainda a ocorrência de enunciados proverbiais e provérbios parodiados, assistimos algumas edições do programa humorístico de televisão “Zorra Total” no ano de 2005, o qual é uma forma de manifestação estética com uma formulação discursiva humorística. O Programa humorístico “Zorra Total” é feito em vários esquetes⁴ a partir de um texto escrito

⁴ O esquete é uma breve representação cênica, geralmente de cunho satírico, cômico ou paródico, levada a efeito por um pequeno grupo de atores. É baseado em situações e hábitos do cotidiano e não tem por objetivo explorar com profundidade os aspectos psicológicos dos personagens. A palavra esquete vem do inglês sketch, esboço.

apresentado teatralmente e, no caso, gravado para a televisão. O que observamos nas edições do programa foi que a ocorrência de expressões idiomáticas e de expressões metafóricas é muito mais freqüente que a de enunciados proverbiais, sejam eles parodiados ou não. Então, a seguir apresentamos os provérbios, as expressões idiomáticas e as expressões metafóricas retiradas do programa humorístico de televisão “Zorra Total”.

1. Programa “Zorra Total” - Data: 02/04/2005
 - “Quem ri por último, ri melhor” (provérbio)
 - “Não enfiar o pé na jaca” (expressão idiomática)
 - “Macaxeira descascada” (expressão metafórica)
 - “Mais grossa do que casca de abacaxi” (expressão metafórica)
 - “Mais amarga que jiló” (expressão idiomática)
 - “Cartas na manga” (expressão idiomática)
 - “Quem cala consente” (provérbio)
 - “Levar um pé na bunda” (expressão idiomática)
 - “Nem que a vaca tussa” (expressão idiomática)

2. Programa “Zorra Total” - Data: 07/05/2005
 - “Ninho de cobra” (expressão idiomática)
 - “Pé na jaca” (expressão idiomática)
 - “Não pise fora da faixa” (expressão idiomática)
 - “Vaza daqui” (expressão metafórica)

3. Programa “Zorra Total” - Data: 14/05/2005
 - “Pegar na boca da botija” (expressão idiomática)
 - “Chato de galocha” (expressão metafórica)
 - “Ficar no pé” (expressão idiomática)
 - “Pé de meia” (expressão idiomática)
 - “Pisar no meu calo” (expressão idiomática)
 - “Eu vou num pé e não volto no outro” (provérbio parodiado)
 - “Cara de pau” (expressão idiomática)
 - “Essa festa vai ser um mico” (“um mico” – expressão idiomática)
 - “É uma fera” (expressão metafórica)
 - “Não pisa fora da faixa” (expressão idiomática)
 - “Pular a cerca” (expressão idiomática)

4. Programa “Zorra Total” - Data: 28/05/2005
 - “É uma mala, mala sem alça” (expressão metafórica)

- “Passou a perna” (expressão idiomática)
“Pular a cerca” (expressão idiomática)
“Mente vazia é oficina do cão” (provérbio)
“Pavio curto” (expressão metafórica)
“Não pisa fora da faixa” (expressão idiomática)
“Cair do cavalo” (expressão idiomática)
“Criar chifre na cabeça de cavalo” (provérbio)
“A vaca foi pro brejo” (expressão metafórica)
5. Programa “Zorra Total” - Data: 17/09/2005
“De vento em popa” (expressão idiomática)
“Está arrebentando” (expressão metafórica)
“Olho gordo” (expressão idiomática)
“Cara de pau” (expressão idiomática)
“Não deixe para amanhã o que ser ensaiado hoje”
(provérbio parodiado)
“Não pisa fora da faixa” (expressão idiomática)
6. Programa “Zorra Total” - Data: 24/09/2005
“Animal é você” (expressão metafórica)
“Passar a perna” (expressão idiomática)
“Dar o cano” (expressão idiomática)
“Está na chuva é para se molhar” (provérbio)
“Não pisa fora da faixa” (expressão idiomática)
“Não joga água fora da canoa” (provérbio)
7. Programa “Zorra Total” - Data: 01/10/2005
“A minha praia não é essa” (expressão metafórica)
“Amigo da onça” (expressão idiomática)
“Morrer na praia” (expressão idiomática)
“Estou costurando para fora” (expressão metafórica)

No geral, podemos observar nas edições do Programa “Zorra Total” que houve uma maior ocorrência de expressões idiomáticas do que de provérbios. A maior ocorrência de expressões idiomáticas parece estar relacionada com as suas características de complementar, descrever e se atualizar no discurso, pois estas permitem algumas flexões, como variações morfológicas e substituições de ordem lexical, mas principalmente variações morfológicas que incidem no verbo para que a frase se adapte ao

contexto sintático (cf. Boldrini, 2004). Talvez por isso seja muito mais freqüente a ocorrência de expressões idiomáticas do que de enunciados proverbiais que representam um enunciado limite.

Algumas expressões idiomáticas retiradas do programa, como “Morrer na praia”, “Amigo da onça”, “Olho gordo”, etc. foram utilizadas nos quadros do programa para finalizar o esquete, foram ditos proverbialmente, ou seja, com uma forma de concisão argumentativa do quadro humorístico. Como exemplo: “Dá licença vou domar a onça, afinal sou amigo da onça” e “Naveguei, naveguei e morri na praia”. Outras expressões idiomáticas, entre elas “Passar a perna” e “Dar o cano”, foram utilizadas metaforicamente, ou seja, como expressão de sentido implícito, mas interpretadas literalmente para dar um efeito chistoso ao quadro humorístico. Como exemplo as respostas dadas ao uso da expressão idiomática: “Homem de respeito, não passei nem a mão, vai dizer na perna” e “Gente ingrata, eu dei o cano, mas era uma promoção em que as pessoas chegavam e compravam o que queriam e eu dava um cano”.

A ocorrência de expressões metafóricas, que não as expressões idiomáticas ou enunciados proverbiais, também foi freqüente nas edições do programa, talvez por estes serem enunciados que estabelecem similaridades que anteriormente não existiam, possibilitando fazer comparações com humor. A metáfora implica uma relação de similaridade nos atributos comuns, ao mesmo tempo em que persiste a consciência de algumas diferenças entre os objetos comparados. De acordo com Davidson “... uma explicação adequada da metáfora deve admitir que os significados primários e originais das palavras permanecem ativos em seu cenário metafórico.” (Davidson, in Sacks, 1992:38), como podemos observar nas expressões retiradas do Programa “Zorra Total”: “Macaxeira descascada”, “Mais grossa do que casca de abacaxi”, “Chato de galocha”, “É uma fera”, “É uma mala, mala sem alça”, “Animal é você”, etc.

Já os enunciados proverbiais apresentaram menor ocorrência do que as expressões idiomáticas e as expressões metafóricas, talvez por terem características de um enunciado limite, um produto

acabado. Além disso, o enunciado proverbial tem propriedades lingüísticas que se referem a algumas coerções que lhe dão estabilidade e facilitam a sua memorização; promove relações intertextuais, ou seja, remissão ao discurso do outro, do interlocutor, do interdiscurso; tem valor de argumentação que parece residir, de acordo com Roventa-Frumusani (1985), no paralelismo sintático, nas figuras de similaridade (fônica e semântica), no contraste e no jogo de generalizar e particularizar; é um lugar da subjetividade; e evoca experiências sociais, culturais e históricas. Talvez por essas características dos provérbios que exigem interpretação a partir do reconhecimento do sentido implicado, a sua ocorrência não seja tão freqüente em programas humorísticos de televisão como as expressões idiomáticas e metafóricas.

Os provérbios utilizados nas edições dos programas foram “Quem ri por último ri melhor”, “Quem cala consente”, “Mente vazia é oficina do cão”, “Criar chifre na cabeça de cavalo”, “Está na chuva é para se molhar” e “Não joga água fora da canoa”, utilizados no contexto com o objetivo de concluir humoristicamente alguns quadros, sem a oportunidade do outro (personagem e telespectador) de questionar. Ou seja, o uso do provérbio como argumentação, com efeito perlocutório incontestável, mesmo que num contexto humorístico, pois o humor não incide sobre o provérbio, mas sobre a cena do quadro humorístico em que cabe o uso do provérbio, como exemplo: o quadro em que a secretária tem que elogiar o seu chefe na presença de dois futuros clientes, mas ela exagera nos elogios e os clientes acabam duvidando da competência do chefe, quando, então, os clientes vão embora e o chefe diz para a secretária que ela exagerou e que ele está cheio de dívidas, a secretária responde com o provérbio “Está na chuva é para se molhar”.

Dentre os provérbios houve duas ocorrências de provérbios parodiados: “Eu vou num pé e não volto no outro” para parodiar o provérbio “Eu vou num pé e volto no outro” e “Não deixe para amanhã o que pode ser ensaiado hoje” para parodiar o provérbio “Não deixe para amanhã o que podes fazer hoje”. O provérbio parodiado “Eu vou num pé e não volto no outro” recusa o sentido

do provérbio-origem “Eu vou num pé e volto no outro”. Já o provérbio parodiado “Não deixe para amanhã o que pode ser ensaiado hoje” pode ser considerado uma paródia, pois muda a palavra “fazer” do provérbio-origem “Não deixe para amanhã o que podes fazer hoje” por “ser ensaiado” para ser utilizado num contexto bastante específico do quadro humorístico, contexto este em que o porteiro de uma emissora de televisão é chamado para substituir uma ostra do mar numa cena de gravação participando junto com uma mulher bonita e, então, parodia o provérbio-origem, mas o seu sentido é mantido, ou seja, o sentido de “Não deixe para amanhã que podes fazer hoje”.

Os quadros do Programa “Zorra Total” veiculam temas como corrupção na política, como ganhar dinheiro sem trabalhar muito, como ser esperto, como conquistar uma mulher “gostosa”, como o rico ao se tornar pobre deve deixar de lado as atividades de rico, como tirar proveito do outro, e outros assuntos relacionados a sexo, escolha sexual, moralidade. Esses temas referem-se a “temas amplos”, “discursos acessíveis”, “interesses imediatos” e de “uma realidade recente” que, segundo Preti (2004:102), as novelas, os noticiários, os programas cômicos, as propagandas, etc. criam, fundamentalmente,

[...] temas amplos e discursos acessíveis a todas as classes sociais, dentro de interesses mais imediatos, ligados à realidade recente, dentro de uma linguagem que todos entendem. Daí o processo de uniformização cultural e, por conseqüência, lingüístico. Recebemos todos, cultos e incultos, um lazer e uma informação iguais, em geral numa linguagem que não favorece a reflexão, nem instiga a dúvida, muito menos a incompreensão. Eis instaurada a norma lingüística da mídia, mistura de hábitos lingüísticos orais e escritos, atenta às transformações, à ‘moda lingüística’, à maneira mais expressiva de dizer as coisas no momento, se possível, utilizando a linguagem comum, de mais fácil compreensão.

A maior ocorrência de expressões idiomáticas e de expressões metafóricas no Programa “Zorra Total” parece estar ligada a esses fatores que Preti comenta, ou seja, a temas vigentes na atualidade que são veiculados na nossa sociedade e que todos entendem, pois há uma “uniformização dos costumes”, “uniformização cultural” e da linguagem na televisão. O uso de expressões idiomáticas e

metafóricas permite uma certa variação morfológica e lexical e junto com humor torna mais fácil abordar temas como os veiculados no programa, além de deixar que o telespectador realize as inferências específicas para a interpretação do quadro no contexto a que se refere, sem pensar muito e de acordo com as práticas sociais da comunidade com uma linguagem de “fácil compreensão”.

A partir dos artigos de revista e do programa de televisão observamos a ocorrência de provérbios e provérbios parodiados, os quais são frutos de enunciações anteriores indeterminadas, portanto, elementos do interdiscurso, pré-construídos estabelecidos sócio-culturalmente, cristalizados e usados até os dias de hoje, além da ocorrência de expressões idiomáticas e metafóricas.

5. COMENTÁRIOS FINAIS

Para concluir, a veiculação desses enunciados nas reportagens do escritor/humorista Jô Soares e no Programa “Zorra Total” são resultantes da relação que se pode estabelecer entre os enunciados pré-construídos estabelecidos sócio-culturalmente e o contexto político, econômico e moral de uma época.

No caso do Programa “Zorra Total” o objetivo é dar um entretenimento e informações ao telespectador sobre assuntos veiculados na atualidade, mas que não favorecem a reflexão, talvez por isso a maior ocorrência de expressões idiomáticas e metafóricas, principalmente das expressões idiomáticas que permitem as variações morfológicas e as substituições lexicais para se adaptarem ao contexto sintático. Já os comentários do Jô Soares caracterizam um trabalho de reflexão sobre e com a linguagem no contexto social, político e econômico de uma época como meio de informação, mas também para contrariar pré-construídos veiculados nos provérbios e para falar de outra forma (como através de provérbios parodiados) sobre temas atuais como meio de reflexão sobre os acontecimentos de uma sociedade.

Observamos a argumentatividade, a expressividade e o contexto de enunciação dos provérbios e dos provérbios parodiados nos artigos e no programa de televisão, e o contexto sócio-histórico, o tema do discurso, etc. da reenuniação do provérbio

em qualquer tempo e lugar em diversas situações adaptando-se a cada situação:

Na língua como um todo há uma parte cristalizada no sistema e há uma língua que se elabora, uma língua que lança mão de recursos expressivos da linguagem para criar novas aplicações. Então há sempre possibilidade de se transcender o esquema lingüístico, caindo naquilo que se chama criatividade humana. (Urbano, 2002: 261).

Ou seja, o provérbio como elemento do interdiscurso, como pré-construído cristalizado e vigente até os dias de hoje.

A ocorrência de provérbios parodiados é um exemplo da criatividade humana, estes “demonstram o conhecimento e a capacidade de reinvenção da linguagem que ocorre no âmbito popular. Recriado, possivelmente numa situação concreta, o novo enunciado pode adquirir um status definitivo de provérbio.” (Urbano, 2002:276).

Portanto, são diferentes as práticas de gêneros textuais e comunicativas vigentes, mas que não deixam de ser o

“[...] discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas.” (Bakhtin, 1997:195).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-RÉVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1997.
- BOLDRINI, M. *As expressões formulaicas na linguagem de sujeitos afásicos: um estudo dos idiomatismos*. Projeto de Iniciação Científica orientado pela prof. Dra. Edwiges Maria Morato, FAPESP, processo número 02/090040-0), 2004.
- CAZELATO, S. E. *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, Campinas, 2003.

- DAVIDSON, D. O que as metáforas significam. In: SACKS, S. (org.). *Da Metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p.35-51.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1969/1987.
- KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MORATO, E. M. *Das relações entre competência e linguagem: análise das atividades discursivas do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/ UNICAMP)*. Relatório Final de Pesquisa, Fapesp 03/02604-9, 2005.
- MOTA, Ático. V.B. *Provérbios em Goiás – contribuição à Paremiologia Brasileira*. Goiânia: Oriente, 1974.
- MOURA, H. M. DE M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. *Veredas, Revista de estudos lingüísticos*, v.6, n.1, p.153-161, Editora Uff, 2002.
- PINTO, C. A. *Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- PRETI, D. O vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.65-113.
- ROBIN, R. *História e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ROCHA, R. *A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português*. São Paulo: Annablume, 1995.
- ROVENTA-FRUMUSANI, D. Le proverb E(s)t Enonciation Enocée. *Revue Roumaine de Linguistique*, XXX, Bucarest, p.159-167, 1985.
- SOARES, Jô. Provérbios da CPI. *Revista Veja*. Edição 1317, Rio de Janeiro: Editora Abril/SA, 08/12/1993, p.12.

SOARES, Jô. Improvérios proverbiais que jamais serão provérbios. *Revista Veja*. Edição 1433, Rio de Janeiro: Editora Abril/SA, 28/02/1996, p.17.

URBANO, H. Uso e abuso de provérbios. In: PRETI, D. (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, Projetos Paralelos NURC/SP, n.5, 2002, p.253-321.